BIBLIOGRAFIA

AS FÔRÇAS REGULADORAS NA VIDA PSíQUICA

Die Regulierungskraefte im Seelenleben. — FRANZISKA BAUMGARTEN. — Casa ed. Franck, Bern, 1955. Ed. Livros de bolso Dalp. Vol. 310. Pág. 139.

Franziska Baumgarten é conhecida por seus trabalhos em terrenos de psicologia aplicada, caractereologia e psicologia infantil. Em seu livro mais recente "As Forças Reguladoras na Vida Psíquica", ela, em forma popular, apresenta uma espécie de fenomenologia das regulações psíquicas.

Já Cannon foi levado pelo estudo das regulações fisiológicas a atribuir ao organismo uma tendência a "Monoistasis" e Kurt Goldstein fala da tendência à "reação coordenada" (A Estrutura do organismo — Amsterdam, 1934). Em situações nas quais o organismo não pode reagir de modo coordenado, ele cai em reações catastróficas que são acompanhadas de angústias, Idéias semelhantes, ligadas à concepções vitalísticas e teológicas encontram-se na obra do psiquiatra C. V. Monakow, Bleuler e outros.

Para Franziska Baumgarten o indivíduo possue, além dos impulsos de conservação e de auto-desenvolvimento (Selbst - Entfaltung) ainda um impulso de regulação, sempre dirigido ao alvo: da restituição e da obtenção do equilíbrio psíquico. A autora lamenta o fato das tendências reguladoras não serem mencionadas em sistema algum de psicologia, como categorias psíquicas especiais (pág. 137). Em seu presente trabalho ela antes de mais nada, pretende demonstrar a riqueza das manifestações dêste "impulso regulador". Tendo ela dedicada grande parte de sua obra à psicologia aplicada, deseja mostrar aos psicólogos clínicos e aos psicoterapeutas a importância dos fenômenos psíquicos das fôrças reguladoras para o aconselhamento e à psicoterapia.

Há, comenta a autora, a possibilidade de diagnosticar tais fenômenos ou tendências por meio de testes evocativos (p. e. o teste de catálogo de Baumgarten-Tramer) enquanto que os testes projetivos (p. e. Rorschach o TAT) não lhe parecem apropriados para tal finalidade (pág. 138).

Na parte introdutória, F. Baumgarten concorda com o psiquiatra vienense V. E. Frankl que não basta quando a psicoterapia mira o alvo de fazer o paciente capaz de trabalhar e gozar a vida, seria também necessário prepará-lo para ser capaz de sofrer (pág. 8). Seguindo êste conceito a autora dedica a primeira e mais extensa parte às "Variações das Reações Humanas perante a Infelicidade". O homem tenta consolar-se e as formas são as mais variadas: filosofando, fantasiando, devaneiando, desabafando, esquecendo e assim por diante. A fé religiosa, a esperança que o

decorrer do tempo trará o esquecimento, o desvio da atenção à atividades diferentes, a compensação (V. Alfred Adler) e a ilusão finalista são citados como outras variantes do consolo. Provérbios, citações bíblicas, ditos populares e extratos de escritores conhecidos são dados para exemplificar êsses fenômenos. Outras considerações são tecidas em volta da utilidade do sofrimento e sôbre o triunfo final da justiça em forma de lendas populares e supertições.

A autora almeja, conforme sua concepção das forças reguladoras, apontar sempre a tendência restitutiva do consôlo, entretanto, com tôda sua compreensão para a necessidade do consôlo não é levada a uma superestimação moral. Ela diz, resumindo essa parte do seu livro pág. 46) "O consôlo não tende à obtenção da verdade, êle é destinado a conseguir um único alvo na vida psíquica de uma pessôa, e isto mesmo até à custa da verdade: de aliviar uma situação desagradável para obter de novo o equilíbrio psíquico". Tem que ser notado que, a autora não consegue atribuir uma finalidade de restituição do equilíbrio, uma finalidade biológica ao fenômeno de "não conseguir esquecer" de continuadamente ser torturado pela lembrança de ter errado, ao "Resonanzgedaechtnis" (pág. 23); entretanto, êste fenômeno para ela apresenta um valor moral. Não nos parece suficientemente esclarecido porque a autora neste ponto julga encontrar-se em oposição ao conceito de Freud quanto ao esquecimento.

O humor, a resistência e a obstinação são consideradas outras reações de valor regulador em situações de infelicidade. O humor serve à conservação da própria individualidade e sua missão social (pág. 63) é a fôrça reguladora, capaz :

— de aliviar a tensão do indivíduo ou de um coletivo numa situação difícil, porque apresenta-a sob um aspectò diverso.
— de pacificar as relações sociais criadas por circunstâncias externas desfavoráveis.
— de ajudar as pessôas a conseguir de novo a paz psíquica porque transmite distância e superioridade sôbre a própria situação.

A segunda parte do livro discute as diferentes atitudes adotadas pelas pessôas perante ações que são rejeitadas pelos próprios autores. Apresentam-se fenômenos psíquicos como: rejeição, auto-justificação, culpar outros, purificação, salvação religiosa, confissão, como os mais significativos. Em outros trechos a autora trata da consciência e seus sofrimentos como: o remorso, a auto-punição, a correção e a compensação.

Referindo-se a W. Wundt, o patriarca da psicologia experimental que admite a existência de uma consciência impulsatória e legislativa antes da ação e de uma consciência julgativa após, F. Baumgarten distingue a função da consciência que admoesta e avisa daquela que examina e revisa (pág. 89/90); e acentua que, a consciência na poesia, na teologia, na moral, em provérbios e em dizeres populares frequentemente aparece de modo personificado, quer dizer, como um ser humano autônomo. A autora opina que nas obras de psicologia não se encontram estudos sistemáticos quanto à consciência e suas manifestações de remorso. Não encontramos indicação referente aos conceitos psicoanalíticos do "Ego e Super-ego" entretanto, há citação de uma observação de Spranger

"Caso existir algo a priori" que atinge a raiz do ser humano, isto deve ser a consciência em suas diferentes formas de existência".

A terceira parte do livro trata das forças reguladoras na vida profissional. Atividades unilaterais e mecanizadas podem ser equilibradas através de "hobbies" e atividades livres de importância significativa para o indivíduo, enquanto os efeitos de dotações especiais podem ser regularizadas pela fôrça moral. F. Baumgarten observou em seus estudos neste terreno, que um interesse parcial para certa parte de uma atividade dentro de uma profissão antes insatisfatória pode levar o indivíduo à aceitação positiva da profissão em sua totalidade.

As duas partes finais ocupam-se com "A Estrutura Psíquica e as Fôrças Reguladoras" e com "Considerações gerais sôbre a Regulação Psíquica".

Fenômenos psíquicos como o remorso e a "Resonanzgedaechtnis" (o não conseguir esquecer), levam a autora à suposição de que a sensação moral constitue um fator primário de nossa vida psíquica. É provavelmente nesse ponto que se encontra a explicação para a atitude crítica da autora à conceitos freudianos.

A autora, em resumo, distingue duas espécies diferentes de regulações psíquicas: a primeira que mira a conservação da saúde mental e a segunda cujo alvo consiste na conservação do nível moral do indivíduo. Caso as fôrças reguladoras não funcionem de modo satisfatório, as energias vitais ou morais do indivíduo encontram-se em estado de enfraquecimento. (págs. 134/35).

Finalizando, pode-se dizer que a nosso vêr os méritos principais da referida obra consistem nos fatos de que a autora chama a atenção dos psicólogos práticos e especialmente dos clínicos, ao fenômeno psíquico das fôrças reguladoras e sua significação para a obtenção e conservação do equilíbrio psíquico e que isto é feito de um modo simples e popular, de maneira que a leitura do livro se destina tanto a peritos como aos leigos.

BETTI KATZENSTEIN